

CAPOEIRANDO



Um Tributo à Cultura Popular

ABR. MAI. JUN./95

nº 2

ANO 1



Iê, Camará!

Capoeirando saiu com seu primeiro número em janeiro de 95, trazendo a Capoeira como assunto principal. A partir desta edição ampliará seu corpo editorial com assuntos sobre cultura popular brasileira. Assim o nome da revista passa a ser "Capoeirando - Um tributo à Cultura Popular".

Nesta edição trazemos uma entrevista com o Mestre de grande valor: Paulo dos Anjos, que fala sobre a tradição e as mentiras na Capoeira. As impressões sobre Capoeira, de um pesquisador que acabou de chegar de viagem de Angola, África. E ainda um camarada de Berlim, Alemanha, que nos conta o que rola por lá.

Para abrir a seção de Cultura Popular: Raquel Trindade, uma artista que vive a tradição popular nordestina no Embú das Artes, interior de São Paulo. E para completar, Severino José, o cordelista paulista da praça da República, conta sobre a história do cordel.

ÍNDICE

VOLTA AO MUNDO	4e5
.....	4e5
LINHA DIRETA	6
.....	6
NO TOQUE DO BERIMBAU	7
.....	7
FALA, MESTRE	8e9
.....	8e9
TRIBUTO I	10
.....	10
CAMARADINHA	11
.....	11
HISTÓRIA	12
.....	12
FUNDAMENTOS	13
.....	13
TRIBUTO II	14e15
.....	14e15
EUSÉBIO LÔBO	16
.....	16
SAIDEIRA	17
.....	17

Este é o nº 2 da publicação "Capoeirando - Um Tributo à Cultura Popular". Uma revista trimestral realizada com apoio do Departamento de Artes Corporais/Instituto de Artes (DACO/IA) da Unicamp, juntamente com apoio do Fundo de Apoio ao Ensino e Pesquisa (FAEP). Tendo como proposta editorial informar, divulgar e estabelecer uma integração de pessoas e entidades que estejam trabalhando em prol da Capoeira e da identidade/integridade cultural brasileira.

Diretor: Eusébio Lôbo da Silva

Editora: Adriana Barão

Conselho Editorial: Prof. Dr.^a Mônica Serra, Prof. Dr.^o Roberto Berton e Prof. Dr.^o Eusébio Lôbo

Jornalista Responsável: Adriana Barão

Colaboradores deste número: Andréa Mendes, André Bueno do Prado, Cláudio Ferreira, Severino José, Luís Gasparin

Ilustração: Luciana Barbeiro e Dimas Restivo

Capa: Juliana Pereira dos Santos

Editoração: Adriana Barão

Impressão: Gráfica Unicamp

Correspondência: A/C Revista Capoeirando
UNICAMP

Caixa Postal E. 6199

CEP 13081-790 Campinas - SP



Esta foi a capa da **Capoeirando nº 1**, se você ainda não tem procure:

- 1- nas academias de Capoeira de sua cidade
- 2- na biblioteca central de sua universidade
- 3- centros culturais, museus, secretaria municipal de cultura
- 4- ou então peça pra gente, pela caixa postal !



Canarinho da Alemanha, quem matou meu Curió? Você mora na Alemanha, mas Capoeira é uma só!

“Carta da Alemanha”

A primeira vez que li uma publicação sobre Capoeira foi o número zero da revista anterior desta presente “A Rasteira”. Quem me mostrou foi uma alemã, contraeditora de primeira hora e grande amiga desde minha segunda estadia no Brasil em 1990. E na semana passada recebi uma carta dela pedindo que eu escrevesse umas palavras sobre essa arte-luta-dança, sobre os motivos, tanto de alunos quanto de professores, a praticá-la e a situação da Capoeira aqui na Alemanha.

Mas como tratar um assunto tão abrangente como a própria Capoeira já é?

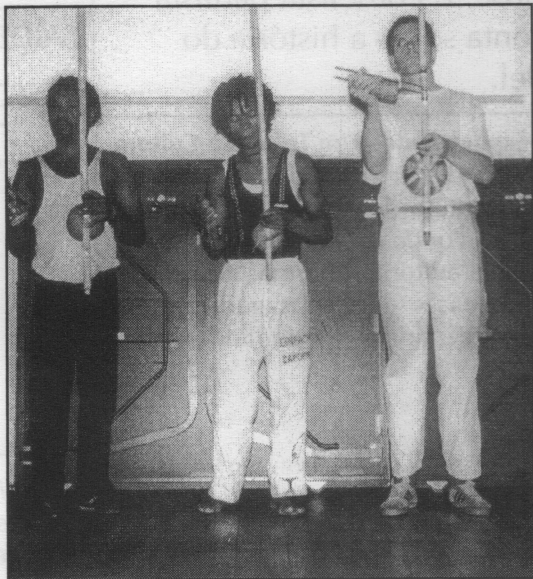
Bem, vi a Capoeira pela primeira vez em 1989, lá no Brasil e no início não me interessei muito por ela. Atitude que mudou após voltar a Berlim em 1991 quando eu queria começar a fazer um esporte qualquer,

para malhar o corpo, sem que fosse uma dessas lutas orientais super duras e sem muita graça.

O que eu queria era leveza e força, luta e dança, acrobacia e criatividade.

Motivos que a maioria dos amigos e conhecidos dentro da Capoeira alegam quando perguntados. São pouquíssimos os que praticam

Tom Maelsa



Mestre Sorriso (Rio) e prof. Saulo (Berlim) tocando berimbau, da esquerda para dir.

para depois usar na rua.

Procurei academias em jornais e achei várias- privilégio da capital do país, pois em muitos outros lugares

não há. Existem até cidades onde não tem professor nenhum e o interessado tem que viajar pra cidade vizinha só para jogar Capoeira.

Fui em uma academia que ficava perto de casa e o professor estava viajando. Mas fiz amizade já na primeira aula e meu novo amigo me indicou logo uma outra academia que fui conhecer uns dias depois, e que frequento até hoje. É a do Saulo do Morro do Jacarezinho, ele é do Rio de Janeiro.

O Saulo estava viajando, mas o que me atraiu foi o astral do grupo, a energia positiva.

Abandonado pelo próprio professor e sem ter substituto nenhum, o grupo continuava treinando para não perder conhecimentos, força e vontade do jogo.

Aí já dava para se ter uma noção de que se tratava de um **vício**. Vício que peguei logo depois e que cultivo até hoje.

Aliás não são poucas as vezes que professores deixam as academias aqui para passar um tempo no Brasil.

"Existe um "vai e vem" impressionante entre mestres brasileiros e alunos alemães. Ainda bem!"

No Brasil regarregam-se da energia gastada na eterna luta contra a dureza corporal dos alemães e o frio climático e humano desta terra.

Lá no Brasil onde o mestre também viaja, seja de férias ou para dar Workshops no exterior, tem pelo menos sempre alguns alunos graduados para substituí-lo. Aqui não.

Quem pensa que devia ter outro professor na área (se for cidade grande) que poderia servir de instrutor temporário está errado.

Existe uma certa rivalidade entre os grupos, só que ao contrário do Brasil ela é mais baseada na competição por novos alunos do que pelo estilo.

Alemães tentam se virar

A maioria dos professores são brasileiros que vieram para cá por mais diversos motivos e acabaram, tendo um nível elevado, abrindo a própria escola por aqui.

Também tem os que foram chamados para ensinar

em academia existente. E nota-se um terceiro grupo de treinadores que consiste em

o Brasil uma vez por ano para visitar meus amigos e, jogar Capoeira em "minha"

Tom Maelsa

academia, do mestre Sorriso no Rio.

Estou por terminar esta carta mas não quero fecha-la sem por no ar duas coisas a serem racionadas e discutidas nessa revista e nessa terra onde a Capoeira nasceu e evolui.



M. Sorriso tocando berimbau, Prof. Saulo e M. Laércio (BA) saindo no jogo

alemães e outras nacionalidades de um nível mais ou menos avançado na Capoeira que também tentam virar-se com esta arte "exótica" por aqui.

Verdade é que na Alemanha, terra tão longe do país paterno da Capoeira, o conhecimento da prática é outro e novas evoluções não chegam na hora.

Mas é verdade também que existe um grande intercâmbio entre nossos dois países, que temos um "vai e vem" impressionante de mestres brasileiros e alunos alemães. Ainda bem!

Eu pelo menos vou para

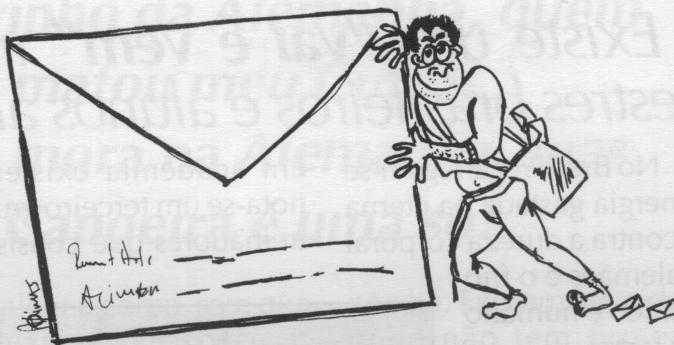
Paremos de desenvolve-la como uma luta marcial oriental, a ver e compara-la como se fosse uma. Voltamos especialmente à Regional, a beleza corporal, a malícia e malandragem sem reduzi-la a uma luta de rua. Violência na rua já temos demais!

E então passaremos a respeitar mais o grupo do outro, da rua vizinha, do bairro do lado, da academia tal. Porque o fluxo das idéias e experiências novas vão enriquecer o nosso jogo eternamente...

*Tom Maelsa, o Canarinho da Alemanha

Violência e Respeito

Este espaço é seu!
 Mande sua
 colaboração:
 perguntas,
 informações,
 curiosidades,
 fotografias ou
 ilustrações.



Barra do Garça/MT,

Eu me chamo João Crisóstomo e sou presidente da Associação Capoeirística de um Povo Afro-Latino, o CAPOAL. Esta associação existe desde dezembro de 1994. Também sou fiscal de defesa agropecuária e as minhas horas vagas dedico à Capoeira. Trabalho com crianças carentes de três bairros aqui da cidade de Barra dos Garças. Conseguimos montar um Maculelê e uma dança de facão. Mas estou escrevendo para dizer que gostei muito da revista que vocês lançaram e quero ser um assinante, pois ela nos traz informações valiosas. Nós que estamos longe dos grandes centros capoeirísticos, quando nos vem informações, nos agarramos a elas. Um abraço a todos!

Agradecemos as pessoas que escreveram e continuamos abertos para receber sua carta. Participe!

Montpellier/França, março de 95

Eu me chamo Gilles, de nacionalidade francesa. Tenho uma associação de Cultura Afro-brasileira no sul do meu país e estou ensinando Capoeira para um grupo pequeno. Foi em Belo Horizonte que vi a revista e achei muito interessante, principalmente para mim que estou longe de todas informações sobre o meio capoeirístico. Estou super interessado em receber a revista e ficar ligado. Espero ficar em contato com vocês. Para a benção de vocês, muito Axé. Gilles.

Um grupo de capoeiristas de Campinas, nos procurou para sugerir uma reflexão sobre o papel do "cordão azul" (gratuação relativa a Federação) dentro das academias e nos batizados. Eles se queixam: "Corda azul só tem responsabilidades, mas não há reconhecimento. Nos batizados só ficam na bateria, não jogam lúna e não podem batizar. Que tal abrir um debate?"

A cidade de Campinas, interior de São Paulo, tem agora o 1º grupo filiado ao Centro de Cultura Senzala, do Estado de São Paulo. Tendo o professor Irandir (que antes era Mestre formado pela academia Beira-Mar) como coordenador do grupo.

Pra quem corre atrás de Capoeira, é bom saber de um lugar maneiro onde você pode encontrar muito material, desde livros até fotos, fitas de vídeo e K7. Procure Sandro, Comércio Inédito de Capoeira. Endereço para visita Rua Salem Bechara, 363 Centro. Osasco / SP; para correspondência é Caixa Postal 953, agência Central. Osasco/ SP. CEP 06001-970.

Agora você tem um espaço para divulgar seu trabalho, evento, batizado, enfim, dar o seu Recado!

No Toque do Berimbau

As músicas de Capoeira são tão importantes numa roda quanto os próprios jogadores. O ritual é sempre o mesmo: a **Ladainha** abre o jogo, pode ser cantada uma **Chula** e só então o **Corrido**, quando o coro responde. Mas cada roda tem uma energia diferente. Para avaliar o Axé da roda, basta ouvir se o coro está em harmonia com a bateria, quando isso acontece há uma comunhão entre todos os participantes e aí o *bicho pega!*

As músicas contam sobre a história do negro, feitos de capoeirista, desafios e gracejos.

As **Ladainhas** que abrem o jogo podem ser um lamento, um desafio ou uma louvação:

*Quando eu aqui cheguei,
quando eu aqui cheguei
Vim louvar a Deus
primeiro*

*E os moradores deste
lugar*

*Agora eu tô cantando,
agora eu tô cantando
Cantando, dando louvor
Tô louvando a Jesus
Cristo*

*Porque nos abençoou
Tô louvando e tô rogando
Tô louvando e tô rogando
Ao pai que nos criou
Abençoe está cidade*

*Com todos seus
moradores*

*E na roda de Capoeira
Abençoe os jogadores,
Camaradinho*

(Mestre João Pequeno)

*Se você é bom cantador
e na roda sabe dar seu
recado numa Ladainha,
Chula ou Corrido, este
espaço está reservado
para divulgação de sua
música.*

Envie para nós!

As **Chulas** são quadras rapidinhas que mantêm a mesma melodia só mudam a letra:

*Vida de solteiro é duro,
de casado é muito mais
O marido vai na festa*

*Ai meu bem,
a mulher quer ir atrás
Se ele diz que não leva,
vira onça e diz que vai*

*É por tudo isso
que eu não caso*

*Pra viver a vida em paz
Camaradinha
lê Aquinderê
(Mestre Cícero)*

O **Corrido** pode mudar a melodia e tem o refrão para o coro responder.

Assim como nesta música cantada geralmente quando um jogador leva um golpe e reclama:

*Chora menino
Nhe, nhe, nhe
Menino chorou
Nhe, nhe, nhe
Cala a boca menino
Nhe, nhe, nhe
Por que não mamou
Nhe, nhe, nhe
(Folclore)*

Depois que a roda

acaba, geralmente, é feito um samba de roda para descontrair. Uma das músicas cantadas é:

*Pisa na linha, levanta o
boi*

*Levanta meu boi do
chão*

*Pisa na linha, levanta o
boi*

Levanta, levanta

Amanhã é dia santo

Dia de corpo de Deus

*Quem tem roupa vai na
missa*

*quem não tem faz como
eu*

*Pisa na linha levanta o
boi*

(Folclore)



No Toque do Berimbau

O Angoleiro dos Anjos:

Adriana Barão

José Paulo dos Anjos ou apenas Mestre Paulo dos Anjos, nasceu na cidade de Estância no Estado de Sergipe, mas viveu em Salvador. Foi lá que, nas rodas de rua, conheceu Mestre Canjiquinha, com quem aprendeu muita Capoeira.

Com 59 anos e 45 de capoeiragem, Paulo dos Anjos traz a experiência e maturidade de um Mestre que merece respeito e admiração pelos seus feitos. Já ensinou Capoeira junto com Mestre Gato Preto (BA), também deu aulas na Ilha de Itaparica. Veio para São Paulo e ficou cinco anos em São José dos Campos, formando o grupo "Anjos de Angola". Em 1980 voltou para Salvador, juntou seus camaradas na luta por melhores condições de trabalho e em 1987 foi integrante da Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA). Hoje além de capoeirista é funcionário público da prefeitura de Salvador.

Encontramos com o Mestre em São José dos Campos, num batizado do Grupo "Anjos de Angola", em setembro de 1994, e é essa

conversa que trazemos para você.

Capoeirando: Mestre, como o senhor entrou em contato com a Capoeira?

M. Paulo dos Anjos:

Desde 1950, eu lutava boxe e já jogava Capoeira. Quando eu parei o boxe me voltei para Capoeira. Nunca fiz nada pra alguém poder falar que foi meu mestre, mas

aprendi com Mestre Canjiquinha e participava das rodas na academia de Seu Pastinha. Ensinei muito tempo na academia do M. Gato Preto, em São Paulo.

"Tem gente que ficou rico com a Capoeira, mas eu sou funcionário público"

Capoeirando: Por que o senhor saiu da Bahia para vir para São Paulo?

Paulo dos Anjos: Eu tinha um aluno que treinava boxe comigo e sabia que eu jogava Capoeira. Eu estava numa situação ruim, naquela época a maré não estava pra peixe, aí ele me chamou pra ir para São Paulo e fui. Fui dar aula na academia Dente de Ouro em São José dos Campos. Teve muita gente que me apoiou.



Mestre Paulo dos Anjos numa "chamada".

Participei de um campeonato, em 78, no Pacaembú, tirei primeiro lugar. Mas a coisa começou a apertar, os aluguéis venceram e eu voltei para Salvador em 79.

Capoeirando: E hoje o senhor vive da Capoeira?

Paulo dos Anjos: Eu não, sou funcionário público.

Capoeirando: Não dá pra viver com Capoeira?

Paulo dos Anjos: Tem muita gente rica através da Capoeira. Tarzan veio pra trabalhar juntou dinheiro e comprou fazenda. Burguês passou fome no Paraná e hoje é um cara rico. Camisinha hoje é um cara bem de vida. Aristides lá na Bahia tem fazenda e tudo. Fazem um trabalho bem feito.

Capoeirando: O senhor ainda dá aula de Capoeira?

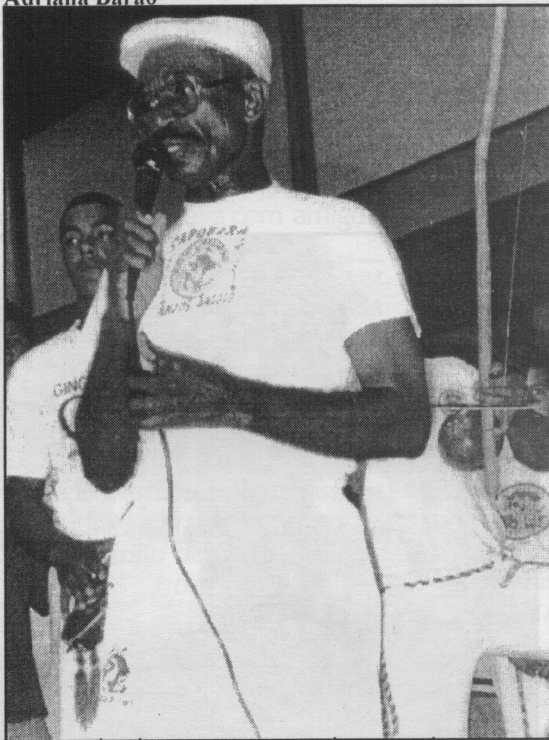
Mestre Paulos dos Anjos gosta de manter a tradição e se incomoda com as mentiras que dizem , principalmente sobre Mestre Bimba

Paulo dos Anjos : Eu tenho a Associação de Capoeira Angola, mas quem dá aula são meus alunos, eu dou aula no salão paroquial no bairro da Paz e dou alguns cursos fora da Bahia.

Capoeirando : *Pela sua vivência, o senhor acha que a Capoeira está se transformando?*

Paulo dos Anjos : Eu sempre fui angoleiro, de Regional não discuto porque não conheço. E se não entendo não tenho que dar uma de entender. Pra mim nada mudou, eu continuo fazendo a Capoeira Angola conforme a tradição.

Adriana Barão



M. Paulo dos Anjos é grande cantador e tem várias músicas gravadas.

Capoeirando : *Qual é a tradição?*

Paulo dos Anjos : Se mandarem fazer o que se fazia nas festas de largos na antiguidade, eu sei fazer o tipo de jogo, as chamadas de frente, de costas, pegar dinheiro no chão. Hoje eu vejo o pessoal no Mercado Modelo conseguindo dinheiro de turista, mas não é a mesma coisa que se fazia, pegava o dinheiro no "bico".

"Antes o Mestre chegava olhava de cara feia e nego já ia saindo"

Capoeirando : *É necessário manter a tradição?*

Paulo dos Anjos : Tem que ter um cara velho pra explicar. Sempre teve gaiato, desordeiro com navalha. Safado nunca deixou de ter, mas uma coisa tinha diferente, o respeito. Agora mole-que tem 20 anos, por-que dá um bocado de pulos chama o Mestre pra brigar.

Capoeirando : *Hoje não se joga mais com*

navalha por que?

Paulo dos Anjos : Porque nunca se jogou com navalha. Botar no pé pra jogar? Isso é mentira, como diz M. Suassuna, é pra fazer exibição, show.

Capoeirando : *Mesmo a Capoeira de rua não tinha navalha?*

Paulo dos Anjos : Tinha, mas era no bolso do capoeirista. Pra botar no pé e sair cortando é mentira. Tem elementos por aí que se você pegar uma faca na mão e não for homem, ele toma. Imagine por uma navalha no pé e sair cortando todo mundo. Isso é negócio pra enganar menino.

Navalha pra botar no pé é história. Tem muita mentira por aí...

Capoeirando : *Qual outra mentira que se fala muito?*

Paulo dos Anjos : Mentira que M. Bimba não ensinava pobre e preto. Tinha muita gente que aprendia com ele que era trabalhador ou estudante, só vagabundo que ele não queria.

FAI LA,
MESTRE

Raquel Trindade,

Artista plástica e Folclorista

A dança é, sem sombra de dúvida, uma das manifestações artísticas de aparição mais constante na trajetória da Humanidade. Forma de culto, atenuante do cansaço daqueles que mourejaram sol a sol, meio de sedução, opção de lazer, não importa. O importante é que cada uma delas traz em si informações preciosas sobre a identidade cultural do povo que a concebeu.

Diante disso, encontramos hoje pessoas que têm a preocupação de preservar estes registros tão sutis de nossas raízes; representando este grupo, com grande mérito, podemos citar Raquel Trindade, "A Kambinda".

"Minha mãe me ensinou o Maracatu, o Lundu. Meu pai me ensinou o respeito por essas artes"

O contato de Raquel Trindade com as artes populares em geral se deu muito cedo, no círculo familiar: ainda em Recife, na infância, recebeu os primeiros ensinamentos de seu avô, Manuel Abílio, "velho" de Pastoril e apelidado de "Menino de Ouro". Sua mãe, Maria

Margarida da Trindade, pesquisou durante anos diversas danças populares tradicionais. Seu pai Solano Trindade, foi um dos mais significativos poetas populares que o Brasil já teve, e dedicou toda uma vida à arte popular, seja na literatura, nas danças ou no teatro. Fundador do grupo Teatro Popular Brasileiro (hoje Teatro Popular Solano Trindade), juntamente com Edson Carneiro, deixou uma obra muito significativa para a identidade cultural afro-brasileira.

"É preciso que o povo sinta a necessidade de ter uma cultura própria, entendendo o sentido do conceito folclore, que é o agir, sentir e pensar de um povo. Sem isso, ele não tem alma"

Foi também responsável por um intenso movimento artístico na cidade do Embú, na década de 60, em parceria de Claudionor Assis Dias, artista plástico, mais conhecido como "Assis do Embú". Este movimento se solidificou e a cidade até hoje é chamada de "Embú das Artes".

Raquel

Trindade busca resgatar e preservar as danças populares tradicionais

Residindo no Embú das Artes, hoje se dedica ao resgate das danças populares como o Maracatu de Recife, Coco de Alagoas, Lundu Colonial, Samba Lenço Rural Paulista, Cafezal, Guerreiros de Alagoas, Caboclinhos, Moçambique e muitas outras.

Atualmente, quatro grupos realizam este trabalho de preservação: Teatro Popular Solano Trindade (Embú-São Paulo), Urucungos, Puítas e Quijengues (Campinas-São Paulo), Passos da Trindade (São Paulo-capital) e Teatro Popular Margarida da Trindade (Rio de Janeiro-RJ).

Andrea Mendes



Raquel a frente do seu Maracatú

Mestre Cantador

"O Cantador canta o que sente na alma"

Com 12 anos de idade, Cícero Gabriel Pinto, saiu do Paraná para "procurar alguma coisa pra fazer". Morou em Foz do Iguaçu, Pindamonhangaba, rodou até que chegou em Campinas, São Paulo. Então encontrou algo que nunca tinha visto e que se transformou numa paixão e hoje é sua própria vida. Essa paixão veio de um encontro casual, numa viagem para Ubatuba.

Era uma roda de Capoeira na beira-do-mar, da Academia Beira-mar (trocadilhos do destino!). Voltando para Campinas procurou a academia. Mestre Tarzan perguntou: "Veio ver Capoeira?" e ele disse na maior confiança: "Não, vim fazer Capoeira".

Capoeira é sua profissão de fé

Dáí por diante sua vida era só correr atrás de roda, batizado, eventos e ensinamentos. No começo, confessa, era um lazer, onde conhecia gente de outros lugares e encontrava com amigos.

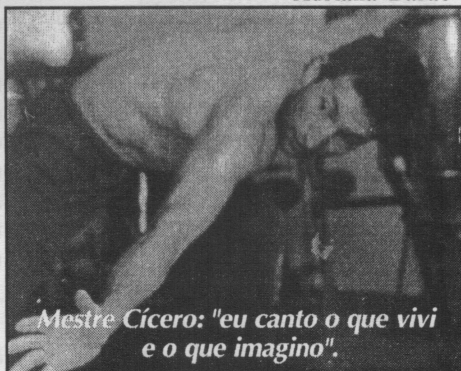
"Vejo que o jogo está cada vez mais violento. Os caras são cada vez mais agressivos, mas são inocentes no que fazem."

Cícero conheceu M. Suassuna, nos batizados do Grupo. Em um deles, M. Suassuna convidou-o para fazer parte do Grupo Cordão de Ouro que faz parte até hoje, com muito orgulho.

Capoeira deixou de ser uma diversão para ser sua profissão. Faz três anos que só vive de Capoeira com a Academia Ritmo Brasil. De segunda a sábado, manhã/tarde/noite, lá está

Mestre Cícero, sempre num super- astral, treinando e ensinando os fundamentos para 150 alunos. E

Adriana Barão



Mestre Cícero: "eu canto o que vivi e o que imagino".

toda sexta é dia de sair com a galera e tomar "umas", porque além de ser Mestre, sabe ser Amigo.

Sua academia é uma casa boa, que recebe a todos, todos que tenham coração sincero e respeito na capoeiragem. Muita gente vem de outros lugares, Mestres e alunos, para visitar a academia. Por ela estar localizada no centro da cidade? Talvez por ela ter o Axé.

Em sua vivência como mestre e educador confessa que a Capoeira é infinita

"É impossível um Mestre passar tudo o que sabe"

Nessa ansiedade de estar sempre passando informações para seus alunos, ele já fez 23 músicas, até o momento, para dar seu recado: "eu canto o que penso da Capoeira, o que vivi e o que imagino". Assim como esta :

"Outro dia eu dei uma beriba para um moleque e só depois percebi que era o primeiro berimbau que tinha ganhado na Bahia, foi a primeira vez que eu

fui pra lá. Comecei a lembrar dos bate-papos com M. João Grande e lembrei dos jogos na Ilha de Itaparica, na moenda, que jogamos na academia do M. João Pequeno com todo mundo lá, isso foi em 86. Pensando tudo isso saiu a música:

A minha beriba
eu ganhei foi lá
na Bahia
Num dia de
sexta-feira
A roda
formada, berimbau
tocava
João
Grande cantava:
Eh, dá volta
ao mundo camarada!
Ali aprendi
o segredo do jogo e a
filosofia
Que o bom
capoeira não leva
rasteira
E se leva,
dá a volta por cima

"Foi realmente lá que eu aprendi que Capoeira é um jogo de esperteza, não era coisa de trombada."

Muito sem jeito reclama que gostaria de ouvir suas músicas pegando nas rodas. Para isso gravou algumas músicas numa fita K7 e espera algum dia gravar um disco com as melhores. Quem ganha é a Capoeira !

Capoeira de Angola, Capoeira do Brasil?

Capoeira de Angola, Capoeira Angola ... Estas palavras tem um significado muito importante no mundo da Capoeira. Geralmente muitos pensam como a Capoeira mais pura aquela ligada às raízes africanas.

Em recente viagem para Angola, pude entrar nesse debate.

O que me surpreendeu em Angola, mais precisamente em Luanda, capital, foi perceber que a Capoeira não existe nesse país. Pelo menos não como uma prática nacional.

Mesmo os escritos antigos nada revelam sobre a Capoeira angolana.

Conversando com estudiosos, e mesmo com gente comum da Ilha de Luanda (berço da cultura tradicional na cidade) nada pude retirar da existência da Capoeira angolana. Capoeira se conhece sim, mas a brasileira, aquela que os brasileiros chamam "de Angola". Surpreende muito os angolanos esta afirmação.

Encontrei um artigo do pesquisador José Redinha falando sobre Capoeira, mas Capoeira da Bahia, onde ele afirma que nada assusta mais os angolanos que saberem que é nomeada "de Angola".

Não desisti, continuei meu garimpo e não fui infeliz.

A Capoeira que existe em Angola foi trazida por brasileiros, e é vista algo estrangeiro. Mas existiam danças, e outros movimentos que podiam ter, em algum lugar do passado, relação com o que chamamos hoje de Capoeira.

O primeiro elemento desse quebra-cabeça era o que os luandenses chamam de **BASSULA**. Graças a um angolano chamado Dionízio Rocha,

grande conhecedor da cultura angolana, e que tem um programa na TV angolana dedicado a preservar as tradições luandenses, pude conhecer os *Novatos de Luanda*.

Bassula, Cabangula e Umudinhú: peças do quebra-cabeça

Apesar do nome, os *Novatos de Luanda* é um grupo de velhos, todos pescadores da Ilha de Luanda. São representantes dos Muxilandas, antigos moradores da Ilha de Luanda, que lá estavam antes da chegada dos portugueses. São guardadores do que existe de tradição em Luanda. Tive o privilégio de assistir uma apresentação deles. Uma autêntica comunidade, como se diz hoje no Brasil. Entre as diversas danças e depois de muito pedir, encontrei um dos elos perdidos: a **BASSULA**.

Na realidade é o que chamamos de *rasteira*: tudo acontece dentro de uma roda a qual anima o rápido combate. O lutador joga a perna sobre o adversário, na parte da coxa, este se desvia, geralmente pulando, e é jogado na areia, para não machucar. Por isso era uma prática entre os pescadores, hoje quase perdida no tempo. Poucas pessoas praticam a Bassula, que está prestes a desaparecer. Os *Novatos de Luanda* praticam a Bassula como o último elo com o presente.

Sobre a Capoeira se fala muito mas se pesquisa pouco

Voltando para os arquivos, retomei ao meu garimpo. Conversando com Luís Kandjimbo, pesquisador do Arquivo Histórico, tive acesso a outra parte do quebra-cabeça: a **CABANGULA**. Uma dança de adolescentes, praticada na região de Malenge, no centro do país, em que os golpes de perna são aplicados por jovens que querem provar bravura para se tornarem adultos. Nessa dança-luta não existe

a *rasteira*, como na **BASSULA**, mas o que os baianos chamam de *Chapa-de-pé*. Quer dizer, derrubar o oponente quando ele estiver apoiado numa só perna. Também está desaparecendo do panorama cultural angolano.

Pesquisando ainda mais, encontrei entre os Quilengues, da região próxima de Benguela (no sul) o **UMUDINHÚ**. Na verdade parece mais com acrobacia. O lutador tem que realizar saltos espetaculares, como se fosse efetivar um golpe, mesmo sem a presença de um adversário. Muita coisa pode ser falada sobre o **UMUDINHÚ**. Mas o melhor ainda estava por vir.

Vasculhando a seção de gravuras do Arquivo, encontrei aquarelas dos anos 1950, que registravam uma antiga dança dos Humbe, da região sul de Angola. Era o N'ingolo, ou Dança da Zebra.

Eu já tinha conhecimento dela no Brasil, mas o que encontrei me deixou iluminado. Dezenas de aquarelas, feitas no local por Neves e Souza, registrando cada passo da dança, seus diferentes movimentos, cada golpe. Além da beleza, mostravam uma semelhança com a Capoeira que eu não tinha percebido. Rabos de Arraia, meia lua, *rasteira*, aú.

Desta vez todos os movimentos da Capoeira pareciam estar representados de uma forma rude, direta. Fiquei durante horas observando cada desenho e utilizei das minhas habilidades de desenhista para reproduzir todos.

Aliás, o autor das aquarelas, Neves e Souza, soube que está em Salvador, muito velhinho e solitário. Ele é um grande conhecedor das semelhanças entre Brasil e África, um viajante dos velhos tempos, daqueles que vivem a cultura afro-brasileira.

Muita coisa tem para ser pesquisada. O tempo foi curto, mas consegui muitas amizades em Luanda. Uma das mais importantes

é o antropólogo Rui Duarte. Um dos maiores conhecedores da cultura angolana, teve a felicidade de conversar algumas vezes com ele. Faz pouco tempo escreveu um livro sobre os povos pastores do sul de Angola. Mostrei meus apontamentos para ele. O retorno foi surpreendente.

N'ingolo, pratica esportiva

Aquilo que pensamos como danças desses povos que vieram ao Brasil como escravos, na verdade eram práticas "esportivas". Eram praticadas como exercícios entre jovens, disputas de habilidade, e não tinham fundo religioso ou ritualístico.

Tudo isso se aproxima do que eu pensava. As raízes da Capoeira estão enterradas em solo angolano, mas ela na verdade só nasceu no Brasil. Seus avós estão para lá do oceano. Mas ela é brasileira. Cabe um dia reunir essa grande família. A tarefa do presente.

Carlos Eugênio Líbano Soares
Pesquisador e doutorando em História/FCH/UNICAMP

Adriana Barão



"Capoeira é arte, luta, dança e religião, mostra a resistência de uma cultura. O meu objetivo é resgatar a Capoeira Angola" (M. Jogo de Dentro)

Fundamentos

É na convivência com o Mestre que o discípulo vai tomando contato com esse grande universo. Por isso não existe Capoeira sem Mestre. E cada Mestre tem seu jeito próprio de passar os ensinamentos.

Este é um espaço reservado para os mestres darem algumas dicas para quem está iniciando na capoeiragem.

FIQUE ATENTO!

Mestre Jogo de Dentro, foi formado por Mestre João Pequeno em 1994. Pratica Capoeira Angola desde 1983, foi a partir de 1984 que começou a dar aulas na Academia do Mestre João Pequeno de Pastinha. Em 89 iniciou seu trabalho como contra-mestre.

Desde então vive só para a Capoeira Angola. Quando M. João Grande foi para os E.U.A, em 1990, deixou um grupo iniciante no Teatro Miguel Santana, foi onde desenvolveu seu próprio trabalho. Hoje continua dando aulas no Teatro e mais outros dois lugares, formando assim o grupo: SEMENTE DO JOGO DE ANGOLA. Mestre Jogo de Dentro está expandindo sua Capoeira no Estado de São Paulo, dando cursos e coordenando alguns trabalhos, como em São João da Boa Vista.

Encontramos com o Mestre em Campinas e tivemos a oportunidade de colher alguns conselhos, para os mais desavisados, que ajudam a evitar o vacilo na roda.

DICAS

É importante saber como se comportar na roda pois muitos mestres antigos, que podiam estar passando muita coisa boa, jogando ainda, se fecham porque só encontram pessoas que não respeitam a tradição.

Para se assumir como **angoleiro** não se pode jogar sem sapato e sem camisa. Esta foi a organização que M. Pastinha deixou

* Na roda de Capoeira se você quer ser **bem recebido** deve
1º se apresentar para o Mestre
2º observar a roda
3º tocar um instrumento e só então sair para o jogo

* **A roda** começa e termina no pé do Berimbau
Não ficar disperso na **roda**, o motivo da roda é estar em concentração

* Só abaixar no **pé do berimbau** depois que os dois adversários saírem da roda, deixando a bateria livre

* Durante **a ladainha** não se joga. A ladainha é um lamento, um sentimento e também pode ser um desafio, por isso os jogadores devem estar atentos

* Só bater **palmas** depois da ladainha

* Não devemos tampar **a bateria** durante o jogo, ao contrário, devemos estar atentos ao berimbau. É ele que coordena o jogo, pede para começar, terminar ou mudar a cadência

* Não pode haver troca de **instrumentos** durante o jogo. Quando os dois adversários saírem da roda, então pode descansar ou pegar outro instrumento.

* Quando dois mestres estão jogando não se deve **comprar o jogo**, eles que decidem quando irão parar

Existem mais coisas a serem ditas, Quem quiser saber mais, basta ir até a ladeira do Pelourinho, Teatro Miguel Santana, Salvador/BA.

Cordel: Uma Tradição por um fio

Um dos campos de estudos literários e folclóricos, que atualmente vem despertando enorme interesse, não só de pesquisadores nacionais, como também de estrangeiros é a Literatura Popular em Versos, também denominada Literatura de Cordel ou simplesmente Cordel.

Tentaremos resumidamente dar uma introdução histórica deste fenômeno literário, ressaltando seus aspectos mais conhecidos. De início, devemos esclarecer a denominação Cordel, enfatizando o fato de que somente em Portugal foi que tal expressão encontrou maior divulgação. No Brasil, ensaístas e pesquisadores preferem denominá-la Literatura Popular em Versos. O povo, entretanto, conhece tais livretos com o sugestivo nome de "Livrinhos de Feira", "Folhetos" e "Arrecife".

Por que Cordel?

Porque em Portugal, nas pequenas livrarias de fim de rua, eram expostos os livretos ao público

consumidor, pendurados em fio de Cordão ou barbante, formando um belíssimo visual graças ao colorido de suas capas. Daí Literatura de Cordel ou Literatura de Cego, como era chamada, pois o rei D. João V, por Edital, determinou que uma entidade de cegos de Lisboa detivesse o monopólio da impressão e comercialização dos livrinhos. Estes eram trazidos no bojo das caravelas pelos colonizadores, encontrando no nordeste seu meio mais favorável. A sua origem se perde, portanto, nos tempos mais remotos.

Em Portugal como na Espanha estes livrinhos eram encontrados nas feiras, nas romarias, espalhados por todo lugar, onde iam os vendedores ambulantes e os menestréis. Tais poetas iam de cidade em cidade, cantando suas poesias, acompanhadas de: violas, alaúdes, pandeiros, divertindo o povo e castelões ilhados em suas propriedades.

Na França eram conhecidos como "Littérature de Colportage", literatura volante, mais dirigida a um público rural. Na Espanha eram conhecidas por "Pilegos Sultos". No México, Nicarágua, Cuba, Argentina, ainda hoje encontramos os "Corridos", espécie de desabafo de cantadores, muito parecido com a nossa cantoria.

No Brasil a literatura de Cordel desenvolveu-se no Nordeste.

Talvez devido ao seu atraso material ou particularidades de sua organização social, que até hoje guarda características feudais.

O surgimento de inúmeros cantadores dá-se com os seguintes fatores: manifestações



Logotipo cedido à Capoeirando por Severino José

messiânicas, fanáticos de Pedra Bonita, Canudos, o aparecimento de bandos de cangaceiros, as secas periódicas, lutas de famílias, o desequilíbrio social.

Estes cantadores iam de engenho em engenho, de fazendas em fazendas, espalhando em versos, as lutas, os romances de princesas românticas, os acontecimentos catastróficos, que eram impressos em livrinhos e cantados nas feiras dominicais.

Registra-se, sem muita precisão, que foi Leandro Gomes de Barros o primeiro poeta a escrever e imprimir, ele mesmo vendendo de feira em feira o produto de sua enorme inspiração poética (este fato ocorreu em fins do séc. XIX, em Recife).

Este poeta, tido por todos como o maior poeta popular do Brasil, viveu exclusivamente de sua atividade e, segundo o ensaísta Câmara Cascudo, escreveu milhares de folhetos em sua curta vida. Outro gigante da Literatura de Cordel foi João Martins de Athaíde, que possuía enorme tino comercial e manteve em Recife uma tipografia, espalhando pelo Brasil grandes quantidades de livretos. Também comprava direitos autorais de poetas menores, incorporando a sua obra, o que vem dificultando, atualmente, a identificação dos verdadeiros autores.

Foi na década de 50 que o Cordel encontrou sua época de ouro. João Martins de Athaíde

Xilogravura de Luciana B.: "O Capoeira"



orgulhava-se de ter somente em estoque mais de 300 mil destes folhetos, que iam ser distribuídos por avião para o Brasil inteiro.

Modernamente o Cordel vem atravessando uma série de crises provocada em parte pelo aumento excessivo do preço da impressão. Por outro lado, têm surgido novos meios de comunicação, mais atraentes, como: TV, rádio, revistas.

Os temas e assuntos abordados no Cordel são os mais variados possíveis, entre eles: romances de Carlos Magno e seus doze Pares, a Princesa Magalona, João Calais, todos vindos da Idade Média, até acontecimentos recentes, como a viagem do Papa ao Brasil, a morte de JK, o suicídio de Getúlio.

Também os assuntos históricos, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, desastres, crimes, acontecimentos da atualidade mundial, são versados em Cordel.

Daí a tentativa de alguns estudiosos em classificar o acervo existente nas coleções. Grandes escritores, como Orígenes Lessa, M. Cavalcanti Proença, no Brasil; Raimond Cantel, na França; Mark Curam, nos Estados Unidos, têm escritos profundos ensaios, focalizando a Literatura Popular em Versos (Cordel), enriquecendo, assim, com suas contribuições ao estudo deste fenômeno tão rico, mas infelizmente ainda pouco conhecido entre nós.

Bibliografia:
Proença, Manuel. Cavalcanti. Literatura Popular em Verso, Edição da Casa de Rui Barbosa, Botafogo, Rio de Janeiro.

Lesa, Orígenes. Getúlio Vargas e a Literatura de Cordel

Maxado, Franklin. O que é Literatura de Cordel - Ed. Codecri. São Paulo

Literatura de Cordel - Antologia, Bco. do Nordeste do Brasil S.A.

Hallewel, Laurence. O Livro no Brasil. Ed. Edusp. USP

SEVERINO JOSÉ

Nascido em Sergipe, zona da mata, Zacarias José dos Santos desde cedo via e ouvia os repentistas nas feiras cantando seus livrinhos, narrando as estripulias do cangaço e os "milagres" do "Padim Cíço".

Além da cultura popular um homem erudito: cursou Propaganda e Marketing, Cinema, Direito e Jornalismo. Sua produção também é eclética, fez um curta-metragem sobre Capoeira na Praça da República, produziu diversas xilogravuras e três folhetos de cordel.

Sentiu enorme interesse pela linguagem de cordel e como cordelista adotou o nome de Severino José, "soa mais popular", confessa.

Nos conhecemos num domingo de sol, na Praça da República, num daqueles dias que parece que nada vai acontecer. Travamos uma conversa tempestuosa, contei sobre a Revista e ele se entusiasmou, lembrando de uma filmagem de Capoeira que fez ali mesmo na Praça, e as peripécias para ludibriar o guarda que queria impedi-lo de filmar. Carinhosamente cedeu à Revista um desenho que utilizamos como logotipo, dois capoeiristas que de longe lembram o símbolo do Taoísmo.

Podemos considerar este homem um verdadeiro mestre do saber-fazer popular, especialmente nos cordéis e xilogravuras, que com muita generosidade e paciência me mostrou. Tudo fica guardado em um "escritório-atelier" desde os livros de consulta, as xilogravuras que fez, os



Severino, em 1965, preparando seu filme de Capoeira.

cartazes que criou, as histórias de cordel, até as caixinhas caprichosas que criou para guardar os livretos.

Mas sua fala não se cabe de modéstia quando lhe pergunto sobre seu trabalho: "eu não sou poeta repentista, eu arranjo minhas rimas com muito esforço e tento empregar o Cordel como forma de comunicação".

As coisas começaram a engatilhar quando o Sindicato da Construção Civil de São Paulo convidou Severino para produzir uma campanha de prevenção de acidentes. Fez uma série de cartazes onde empregava fotos em alto contraste, procurando uma analogia formal com a xilogravura.

Depois ele "traduziu" aquela linguagem visual para um folheto e foi assim que a editora Abril, na sua coleção Literatura Comentada, incluiu seu folheto entre os mais representativos nesta categoria. Animado, escreveu um outro divulgando em linguagem popular as fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine.

Por muito tempo expôs seus trabalhos na Praça da República. Hoje vai até lá apenas para rever amigos, andar um pouco ... e esperar algum patrocínio para editar sua versão em cordel da "Divina Comédia" de Dante.

Eusébio Lôbo**IÊ, A LADAINHA ME
CONQUISTOU, CAMARADA**

Escrevemos no artigo anterior (Capoeirando n. 01) o sentido da relação **Capoeira/Mestre/aprendiz**, visto através da ladainha. Encontramos na ladainha vários elementos "dicas" que ensinam os conceitos básicos da capoeira. Vejamos como um discípulo aprendeu um pouco mais do clima de ensinamento proporcionado por ela.

Certa vez, um discípulo perguntou ao seu mestre: *por que temos que rezar a ladainha?* Ele respondeu:

"Meu filho, quem pisa em terra alheia, pisa no chão devagar"

O discípulo percebeu que deste dia em diante o mestre sempre cantava a "mesma ladainha". Pouco tempo depois, voltou a perguntar: *Para que serve a ladainha se durante ela ninguém joga?* O mestre, que era de poucas palavras e muita ação, sorriu e disse:

"Quem pensa que o céu é perto e nas nuvens quer pegar, os anjos já estão sorrindo da queda que vai levar".

Neste mesmo dia, aproveitando a oportunidade de colocar a teoria na prática, pediu ao seu contra-mestre que tocasse uma banguela, exatamente no momento em que o discípulo questionador estava mais empolgado e comprou o jogo.

Todos ficaram surpresos, pois o mestre raramente jogava. Sua característica era a de transpor a poética da capoeira, através de suas exposições, para a prática, não queria que os alunos fossem meros imitadores da arte, que ele considerava NOBRE, assim mesmo, com Maiúsculas, e foi jogando devagarinho, escorregando em todas as direções, ora parecia que estava rezando, falando com os deuses; ora parecia que era um pássaro flutuando nas nuvens.

Do outro lado, estava o discípulo, completamente desorientado, pois, por mais que acelerasse o jogo, aplicando golpes com muita rapidez, não conseguia encontrar o mestre, que nunca estava no lugar pretendido por ele e nem mudava a cadência do jogo, apenas obedecia ao toque do berimbau.

Para maior surpresa de

todos, em um certo momento, o mestre aplicou um golpe desequilibrante no seu discípulo e, antes mesmo dele chegar ao chão, *aparou-o* carinhosamente em seus braços e disse:

"Iêêêê, quem não sabe rezar, xinga a Deus."

Por um bom tempo, o mestre continuou a cantar a mesma ladainha, agora vista sem aspas pelo discípulo e acrescentou a ela:

***Iê, a ladainha me conquistou
Iê, a ladainha me conquistou, camarada
Iê, na roda da capoeira
Iê, na roda da capoeira,
camarada***

A partir deste dia, este discípulo e todos os outros que viram o que aconteceu, passaram a dar mais atenção as ladainhas cantadas pelo mestre e a compreenderem melhor seu sentido.

****Eusébio Lobo da Silva, Mestre Pavão, é Doutor em Dança pela UNICAMP e ex-discípulo de M. Bimba.***

SAIDEIRA

Saideira é a “última” antes de ir , aquela que você toma querendo ficar mais um pouco. Pois é, acabou esta edição, o recado está dado, mas ainda tem muita coisa para ser dita.

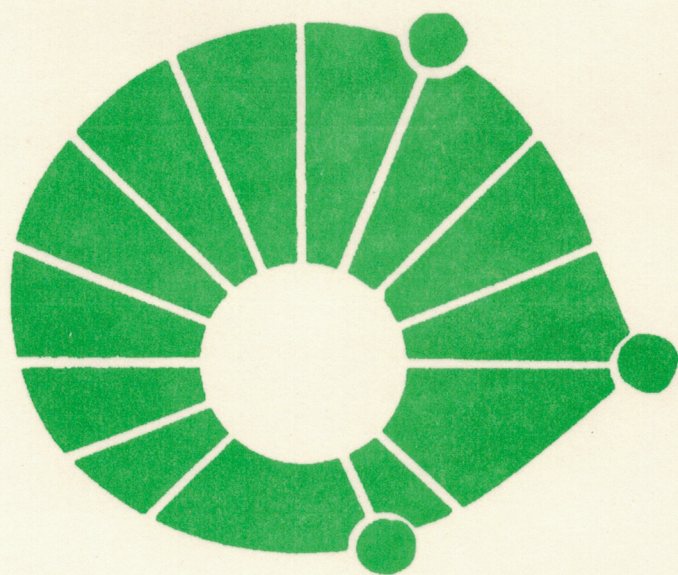
Estaremos a partir de agora (mês de abril) preparando a 3ª edição, que com certeza conta com uma entrevista internacional da Argentina, uma matéria sobre os 300 anos de Zumbi, o folclore e a arte popular no Brasil. Um grande bate-papo com Mestre Ananias e um debate sobre Capoeira e Candomblé... e esperamos contar com sua participação!

Está sendo muito bom realizar este trabalho, que não é simples, mas é feito com muito respeito e gratidão a todas pessoas e entidades envolvidas com os elementos de nossa identidade cultural e mais especificamente da Grande Arte Brasileira, a Capoeira. Acreditamos que desta forma poderemos contribuir num intercâmbio de idéias e informações. Por isso você, leitor, é tão importante para nós.

*Fica proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta publicação sem autorização

*Não nos responsabilizamos pelas opiniões e artigos assinados

APOIO



FAEP

DACO/IA

UNICAMP